



GT 046. Música, Som e Formas Expressivas

Wagner Neves Diniz Chaves (Departamento de Antropologia Cultural/UFRJ) - Coordenador/a, João Miguel Manzollilo Sautchuk (DAN/UnB) - Coordenador/a

Expressiva, comunicacional e performativa, aglutinadora de múltiplos conhecimentos, significados e agenciamentos, a música é um campo fértil para investigação antropológica de um conjunto de temas e questões, possibilitando o diálogo entre diferentes nichos dos debates antropológicos, tais quais etnomusicologia, etnologia indígena, cultura popular, patrimônio, antropologia urbana, antropologia do Estado e análise de rituais e performances. Apostando na relativização da noção de música como categoria analítica e partindo da superação do antigo dilema que apartava análise dos aspectos sonoros e interpretação dos sistemas de pensamento e ação, este Grupo de Trabalho volta a atenção para as conexões entre múltiplos aspectos das práticas musicais e produções sonoras e seus significados sociais, principalmente as relações da música com outros meios expressivos e práticas sociais, e as dimensões técnicas e práticas do fazer musical. Tendo em vista esta perspectiva geral, pretende-se explorar os seguintes eixos temáticos: 1) música e linguagem; 2) interação no fazer musical; 3) teorias musicais nativas; 4) música, ritual e performance; 5) mediação, apropriação e identidade; 6) gravação, representação fonográfica e arquivos; 7) paisagem sonora.

PERFORMANCE, MÚSICA E DANÇA: uma abordagem etnográfica de práticas juvenis em rolês eletrofunk/funk pancadão em Chapecó ? SC

Autoria: Laís Griebeler Hendges, Eloise Kist Hoss, Júlio Henrique Rosa de Moraes

Este work é vinculado a pesquisa "Modos autônomos de identificação juvenil no oeste catarinense: uma abordagem antropológica e etnográfica", e ao work de Conclusão de Curso intitulado "Performances de gênero em rolês funk: uma abordagem etnográfica de práticas juvenis em Chapecó ? SC?". Nesta abordagem investigamos sentidos e significados de performances de gênero em rolês identificados como eletrofunk e funk pancadão, praticados por jovens em Chapecó. Rolê é uma concepção nativa que exprime produções de sociabilidades, espaços, políticas, econômicas e histórias. As práticas dos rolês em questão compreendem: transitar de carro ouvindo música, principalmente, pelas avenidas Getúlio Dorneles Vargas e Porto Alegre, durante a noite e, por vezes, durante o dia; ir a algum estabelecimento privado, como uma casa de show; encontrar pessoas amigas/os e fazer novas amizades; trocar ideias e objetos; usar substâncias lícitas e/ou ilícitas. Eletrofunk/funk pancadão também é uma categoria nativa referente ao estilo de música mais ouvido nesses rolês. A escolha da temática foi feita pela necessidade de discutir a (in)existência de espaços disponíveis para realização de rolês eletrofunk/funk pancadão em Chapecó e pelas práticas culturais musicais, pelas danças, pelas roupas e pelo uso performativo do carro. As informações deste estudo foram construídas por meio do método etnográfico, com produções de diários de campo, fotografias, observações, e entrevistas semiestruturadas. O work de campo foi iniciado em 2017 e teve duração de um ano. Foram observadas cinco festas, com um contingente de 50 pessoas em média. Ocorreram quatro entrevistas, uma com um grupo de sete pessoas e as outras três com uma pessoa em cada entrevista. A fundamentação teórica é baseada no conceito de performance, de Richard Schechner, em que esta é parte e, ao mesmo tempo, é diferente de outras performances que estão sendo restauradas; na ideia de música de Antony Seeger, em que esta é parte da criação da estrutura social; e na concepção de dança, de Drid Williams, na qual dança são práticas culturais com produção de movimentos corporais. Esta análise permite discutir performances de gênero praticadas por jovens nestes rolês, tais práticas envolvem modos de ser coletivos e de participação, pertencimento e identificação social, que são geradores e gerados de sentidos e significados. Conclui-se, por hora, que o estudo das produções dos rolês é importante para refletir sobre percepções,



audições e visões de mundo de pessoas em Chapecó. Além disso, essa pesquisa propicia reflexões críticas à certa da fruição de bens e serviços públicos na cidade, uma vez que há poucos espaços voltados para sociabilidade juvenil, principalmente quando se trata de rolês eletrofunk/funk pancadão.

[Trabalho completo](#)



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

